

QUANDO OS SEMÁFOROS DE BELÉM FALAM WARAO: DA DIÁSPORA NO CONTEXTO AMAZÔNICO DE HOJE

WHEN BELÉM TRAFFIC LIGHTS SPEAK WARAO: THE DIASPORA IN TODAY'S AMAZONIAN CONTEXT

Raimunda Berenice Pinheiro Cardoso

Doutora em Comunicação, Linguagens e Cultura pela Universidade da Amazônia (Unama).
Professora efetiva da Secretaria de Educação do Estado do Pará.
E-mail: berecardoso2015@gmail.com

Paulo Jorge Martins Nunes

Doutor em Letras pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas) e
Professor da Universidade da Amazônia e da Universidade (Umana) do Estado do Pará (Uepa).
E-mail: pontedogalo3@gmail.com

Maria do Céu de Araújo Santos

Mestra em Comunicação, Linguagens e Cultura pela Universidade da Amazônia (Unama)
e mestra em Educação pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp).
E-mail: mariadoceuas@hotmail.com

Ana Selma Barbosa Cunha

Doutora em Comunicação, Linguagens e Cultura pela Universidade da Amazônia (Unama).
Professora efetiva SEDUC-Pará.
E-mail: anaselmacunha@gmail.com

Resumo: A presença diária de pessoas do povo Warao, que migram da Venezuela, tornou-se recorrente nas calçadas, nas ruas e nos semáforos da cidade de Belém, na maioria em grupos de família, com marcante presença feminina. O objetivo principal deste artigo é analisar a questão identitária e cultural do povo Warao, do êxodo até a chegada a Belém, no Pará, na Amazônia oriental brasileira. As peregrinações, os deslocamentos, a luta pela sobrevivência, o acolhimento e as novas maneiras de habitar integram a pauta dos indígenas venezuelanos. Objetiva-se ainda entender a inserção de um povo no contexto brasileiro por meio da sociedade civil, em particular via ação da Cáritas. Metodologicamente, a pesquisa apresenta abordagem qualitativa, realizada por meio das técnicas de observação do contexto do deslocamento, fixação e modos de inserção dos venezuelanos em Belém/PA. O levantamento bibliográfico é sustentado em autores que dialogam com questões como a

leitura da cidade, o discurso, as culturas híbridas e as identidades, como Costa (2011), Krenak e Carrelli (2020), Canclini (1998) e Ramos, Botelho e Tarragó (2017), além do teor documental que buscará entender o movimento migratório dos Warao por meio de reportagens divulgadas na mídia escrita. O estudo conclui que significativas ações de acolhimento dos Warao estão sendo desenvolvidas na região, apesar de toda a complexidade dos processos de acolhimento. As marcas originárias dos Warao, de algum modo, chocam-se com as características marcantes da sociedade contemporânea, urbana e tecnologizada, o que provoca ressignificações de identidade desse povo e nos faz pensar na ideia de culturas híbridas (Canclini, 1998), como forma de viver e sonhar dos migrantes Warao.

Palavras-chave: Etnia Warao. Migração. Identidade. Culturas híbridas. Amazônia.

Abstract: The daily presence of Warao people, who migrate from Venezuela, has become recurrent on the sidewalks, streets and at traffic lights in the city of Belém, mostly in family groups, with a marked female presence. The main objective of this article is to analyze the identity and cultural issue of the Warao people, from the exodus to the arrival in Belém, Pará, eastern Brazilian Amazon; pilgrimages, displacements, the struggle for survival, reception and new ways of living are part of the agenda of Venezuelan indigenous people; and the objective is also to understand the insertion of a people in the Brazilian context through civil society, in particular, through the action of *Cáritas*. Methodologically, the research is carried out through a qualitative approach, carried out through observation techniques of the context of displacement, fixation and modes of insertion of Venezuelans in Belém/Pará. The bibliographic survey is supported by authors who dialogue with issues such as reading the city, discourse, hybrid cultures and identities such as Costa (2011), Krenak e Carrelli (2020), Canclini (1998) and Botelho (2017); and beyond the documentary content that will seek to understand the migratory movement of the Warao through reports published in the written media. The study concludes that significant welcoming actions for the Warao are being developed in the region, despite all the complexity of the welcoming processes. The original marks of the Warao, in a way, collide with the striking characteristics of contemporary, urban and technological society, which causes reinterpretations of the identity of this people and makes us think of the idea of hybrid cultures (Canclini, 1998), as way of living and dreaming of Warao migrants.

Keywords: Warao ethnic group. Migration. Identity. Hybrid cultures. Amazon.

INTRODUÇÃO

O governo do presidente Nicolás Maduro, na Venezuela, enfrenta uma crise política, econômica e social desde 2016. Da administração de Hugo Chávez até a atual, a Venezuela vem sendo penalizada com sanções econômicas impostas pelos Estados Unidos e, conseqüentemente, atingida com a queda do preço do barril de petróleo, já que no contexto sul-americano o país assumia a posição de maior exportador do minério (Vaz, 2017).

Tais acontecimentos alavancaram uma onda de migração para os países vizinhos. Entre esses países fronteiriços, o Brasil toma primazia ao acolher inúmeros imigrantes. Para melhor entendimento do objeto de estudo do artigo, faz-se necessário diferenciarmos os termos migrantes e refugiados. Segundo o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (Acnur) – agência da Organização das Nações Unidas (ONU) –, o primeiro termo faz referência ao seguinte:

Quando existe uma escolha em se deslocar não por causa de uma ameaça direta de perseguição ou morte, mas principalmente para melhorar sua vida em busca de trabalho ou educação, por reunião familiar ou por outras razões. Enquanto o segundo diz respeito a pessoas que deixaram tudo para trás para escapar de conflitos armados ou perseguições. Com frequência, sua situação é tão perigosa e intolerável que devem cruzar fronteiras internacionais para buscar segurança nos países mais próximos (Brasil, 2017).

Ao analisarmos o panorama citado, podemos perceber que a população venezuelana experimenta um processo diaspórico e de desterritorialização. A partir desses fatos, o Brasil torna-se porta de entrada dos venezuelanos, para início do percurso migratório, a começar pela cidade de Pacaraima, em Roraima, onde os migrantes intentam receber refúgio e buscam melhorias de vida. Entre eles, há um grupo minoritário da etnia Warao, povo da canoa, que se origina da região norte da Venezuela, onde habita há séculos a foz do rio Orinoco, no estado Delta Amacuro e regiões adjacentes dos estados Bolívar e Sucre, no respectivo país. Ao saírem do território venezuelano, esses migrantes fogem de evidentes conflitos em que se encontram, como ocupação de suas terras, escassez de alimentos e insegurança absoluta, deslocam-se até Manaus e, posteriormente, de barco até o Pará, via rio Amazonas.

A Amazônia é o lugar do diverso, do múltiplo, de muitos sentidos e memórias que se constroem desde a colonização até os nossos dias. É espaço do nativo, do colonizador e dos diversos migrantes que chegam a partir de vários movimentos que ocorrem em suas localidades. Tais afirmações são ratificadas por Costa (2011, p. 32):

A Amazônia de que se fala tanto não é uma só. Em oposição ao “vazio” imaginado nacionalmente, a Região é composta por uma população extremamente diversa, resultante de variadas formas de ocupação, que vão desde o índio, o negro africano, os povos europeus que deram início à colonização, e mais tarde imigrantes nordestinos e estrangeiros, como japoneses, judeus e libaneses, entre outros.

Lugares de muitos e, também, dos Warao que chegam com suas famílias, especificamente, às cidades de Belém, Boa Vista, Pacaraima, Manaus e Santarém. Aos poucos, foram adentrando outras regiões, como Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul. O movimento migratório depara-se com diversos desafios: os linguísticos, a educação formal e informal, alimentação, habitação, socialização e os enfrentamentos que envolvem os deslocamentos.

Esse deslocamento territorial nos remete a Néstor García Canclini (1998, p. 30), em *Culturas híbridas*, ao mencionar os povos da América do Sul: “Os sul-americanos, [que] por perseguição ideológica e sufocamento econômico, abandonaram nos anos 70 a Argentina, o Chile, o Brasil e o Uruguai [...]”. Os Warao são um caso de desterritorialização, cuja face dolorosa desse fenômeno é o subemprego e o desarraigamento de camponeses e indígenas que tiveram que sair de suas terras para sobreviver.

A desterritorialização desse grupo, que percorreu um longo caminho até a chegada a Belém, soma 3.569 km de distância da terra de origem. Esse deslocamento consiste no processo diaspórico de que trata o teórico Stuart Hall (2003, p. 34), ao mencionar a experiência caribenha rumo à Grã-Bretanha, onde se vivenciou a diáspora afro-caribenha, pós-Segunda Guerra Mundial. Hall se ocupa em esclarecer o conceito de diáspora, bem como o hibridismo e a cultura do Caribe, a qual é “impelida por uma estética diaspórica”.

Em outro momento, Hall (2006) esclarece o conceito de identidade ao longo das transformações sociais, que resulta em um sujeito centrado, unificado e individualista. Além disso, há o entendimento do sujeito que vive em um meio social e se relaciona com outras pessoas, e constitui-se em sujeito sociológico. Portanto, esse indivíduo busca equilíbrio entre o interior e o exterior, o coletivo e o individual, nesse movimento de matizes subjetivos em um mundo vivo e real. O conceito de identidade fixa e permanente é questionado e redimensionado no mundo contemporâneo, em que ocorre um “deslocamento” desse conceito de identidade e se transforma em uma realidade identitária mutante, complexa, ampla, tecendo várias identidades que constituem uma pessoa.

Essa tessitura vai se construindo a partir da vida de cada sujeito, que interage com outros sujeitos, entre perdas e ganhos, idas e vindas, durabilidade e alternâncias bruscas, determinadas pelas mudanças de caminhos e decisões identificadas na sua

pluralidade. Esse movimento possibilita refletir questões universais, como política, economia e modos de sobrevivência. Há um ponto central nessa discussão que é denominada pelo autor “tradição”, aquela que sustenta as demais identidades, mas que faz parte de um processo histórico vivido pelos sujeitos, constituindo-se em “traduções”, que são para o autor os deslocamentos, que não são simples assimilações ou perdas, mas sim consequências de construções históricas e culturais (Hall, 2006).

Nesse espaço em que os migrantes se alocaram, não faltou estranhamento. Os espaços tão distantes dos seus; o povo, a cultura e a língua diferente, tudo resulta em estranheza na tentativa de buscar um meio de sobrevivência. Contudo, o poder público e a sociedade civil, representada pela Cáritas, buscam amenizar esse processo de adaptação. A sociedade civil, muito mais que o poder público, tem se empenhado em ajudar esses migrantes, pois, na chegada e acolhida, necessitam de recursos materiais, abrigo e alimentação. As necessidades vão além das matérias, pois os Warao trazem uma identidade cultural na bagagem (Hall, 2006).

Ao apresentar o percurso e a chegada dos Warao ao território brasileiro, o artigo responderá à questão que inquieta tal investigação:

- Como ocorre a interação do povo Warao, dentro do contexto diverso de cultura e identidades, ao chegarem e permanecerem em Belém/PA?

Tem-se como intento analisar o cenário político, a questão identitária e cultural desse povo. Do êxodo até a chegada a Belém, as peregrinações, os deslocamentos, a tentativa de sobrevivência, o acolhimento e, finalmente, a atuação da Cáritas. Então, a partir desse fenômeno de mobilidade, entender a inserção de um povo no contexto brasileiro por meio da sociedade civil.

Metodologicamente, o percurso da escrita terá uma abordagem qualitativa, na perspectiva de trabalhar os movimentos e universos significativos: “motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes” (Minayo *et al.*, 1994, p. 21-22); como método de pesquisa, o histórico-crítico, por se tratar de uma temática acerca da vida em sociedade em interação com práticas sociais de homens e mulheres no desenvolvimento da humanidade (Triviños, 1987).

Para alcançar o proposto, realizar-se-ão técnicas de observação do contexto de vida dos venezuelanos na cidade de Belém/PA, utilizando, para melhor compreensão da realidade analisada, levantamento bibliográfico e documental. O levantamento bibliográfico sustenta-se em autores que discutem questões sobre cidades, discursos, Amazônia, culturas híbridas e identidades, como Costa (2011), Krenak e Carrelli (2020), Canclini (1998) e Ramos, Botelho e Tarragó (2017). Já o levantamento documental

buscará entender o movimento migratório dos Warao por meio de artigos e reportagens divulgadas na mídia escrita.

FLUXO MIGRATÓRIO DOS WARAO

Embora o Brasil seja um país multicultural, ainda se identifica uma realidade marcada por preconceitos, em que há o predomínio de estereótipos que circunscrevem alguns grupos minoritários. Na contramão desse contexto perverso, encontram-se sujeitos na sociedade civil que lutam por garantir condição de vida às pessoas que chegam às cidades brasileiras, fugindo de situações adversas em suas cidades de origem e que desembarcam em outras localidades. A garantia de equidade é o que alguns grupos minoritários almejam alcançar nas leis que regem os direitos humanos, e tais anseios anelam os emigrantes, pois o cumprimento desses direitos confirma a ação efetiva na garantia da cidadania a todos.

Segundo o Observatório das Migrações Internacionais – OBMigra (2020), de 2011 a 2019 registraram-se no Brasil 1.085.673 imigrantes, dos quais 399.372 foram mulheres, considerando todos os amparos legais. No ano de 2019, predominaram os fluxos oriundos da América do Sul e do Caribe, com destaque para as nacionalidades venezuelana e haitiana. Os maiores números de registros de imigrantes de longo termo – imigrantes que permanecem por um período superior no país – foram entre os nacionais da Venezuela (142.250), do Paraguai (97.316), da Bolívia (57.765) e do Haiti (54.182), representando 53% do total de registros. No mesmo ano, a Região Norte apresentou o maior número de entrada de imigrantes de longo termo (52.242) do período, com destaque para o estado de Roraima (37.928), que representou 38% dos dados, além de revelar o maior número de registros anuais da série histórica. Tal aumento nesse quantitativo ocorreu em consequência da imigração venezuelana para a região.

O Brasil presencia um dos maiores processos migratórios da história. Os impactos da crise na Venezuela refletem na Amazônia brasileira, pois o fluxo migratório atinge pequenas cidades como Pacaraima, em Roraima, que sofre com a incapacidade de absorção desses migrantes. A Amazônia brasileira, portal de entrada dessa população, conforme podemos observar na Figura 1, recebe um imenso desafio em acolher em seu território um fluxo migratório tão intenso.

Figura 1: Migração dos Warao no Brasil



Fonte: Disponível em: <https://amazoniareal.com.br/migrante-cidadao-a-dinamica-dos-deslocamentos-dos-indios-warao-na-amazonia/>. Acesso em: 3 nov. 2022.

O Ministério Público Federal (Brasil, 2017, p. 17), ao divulgar um parecer técnico, menciona a relação entre a migração internacional corrente e a mobilidade interna anterior dessa etnia:

Ressalta-se que o deslocamento dos Warao para as cidades brasileiras está inserido em um contexto mais amplo de mobilidade, marcado por deslocamentos constantes entre comunidades indígenas e centros urbanos. Inicialmente, essa dinâmica de mobilidade ocorria de forma predominante dentro dos limites territoriais do estado venezuelano, só alcançando contornos transnacionais há poucos anos.

O grupo indígena, nesse contexto político, perdeu terras, e a transição para o meio urbano não foi tarefa tão fácil. Desse modo, os Warao adotaram outros meios de levantar o sustento e, assim, tentam adaptar-se ao novo contexto urbano. Os indígenas Warao são, predominantemente, caçadores, artesãos e pescadores. A partir da década de 1960, sofreram um deslocamento por conta dos danos ambientais em suas terras.

Krenak e Carrelli (2020) discutem as ações de destruição do planeta e as características de vida de povos indígenas. A corrida desenfreada do homem “civilizado” vem, ao longo da história da humanidade, destruindo a biodiversidade do planeta, o que, segundo o autor, determina um grupo de sub-humanidade, em busca de um progresso

exacerbado, com ações de destruição e modos de vida no planeta. Trocamos o essencial por uma humanidade ilusória, sem sentido, estamos mergulhados no consumismo e em entretenimentos sem parâmetros, e, ao nos depararmos com a realidade da vida, fingimos não fazer parte.

A vida atravessa tudo, atravessa uma pedra, a camada de ozônio, geleiras. A vida vai dos oceanos para a terra firme, atravessa de norte a sul, como uma brisa, em todas as direções. A vida é esse atravessamento de organismos vivos do planeta numa dimensão imaterial [...] a vida que a gente banalizou, que as pessoas não sabem o que é e pensam que é só uma palavra. Assim como existem as palavras “vento”, “fogo”, “água”, as pessoas acham que pode haver a palavra “vida”, mas não. Vida é transcendência, está para além do dicionário, não tem uma definição (Krenak; Carrelli, 2020, p. 28-29).

Estamos falando de vidas de um povo indígena que, nessa dinâmica desumana, deixam seus espaços e parte de suas vidas para sobreviverem em lugares desconhecidos por eles. Como existir e significar essa existência em um contexto de vida tão diferente dos Warao? Esses que foram deslocados forçadamente e que buscam enfrentar e sobreviver aos diversos desafios impostos na nova realidade de vida. Krenak e Carrelli (2020, p. 47) afirmam: “Quando pensamos na possibilidade de um tempo além deste, estamos sonhando com um mundo onde nós, humanos, teremos que estar reconfigurados para podermos circular”.

A antropóloga Dassuem Nogueira (2018), em entrevista concedida ao jornal *Amazônia Real*, comenta que os Warao habitavam no alto Orinoco, região de difícil acesso e, ainda na década de 1960, o governo instalou projetos de desenvolvimento, construindo estradas na região. A pesquisadora aponta o processo de desertificação e salinização das águas como fator desencadeador para aumentar as dificuldades da etnia Warao. Além dessas dificuldades, a instalação de uma agência de petróleo veio dificultar a permanência desses indígenas em terras venezuelanas, não lhes restando escolha a não ser o aceite de se instalar em acampamentos custeados pelo Estado (Nogueira, 2018). Então, por conta desses projetos, os indígenas recebiam do governo uma ajuda de custo. Eles transitavam entre suas comunidades e cidades, a fim de comprar gêneros alimentícios para suprir as necessidades da família, porém a hiperinflação impediu que eles tivessem maior acesso aos bens de consumo.

Assim, em decorrência de transformações territoriais, os Warao enfrentaram deslocamentos e desenvolveram estratégias de sobrevivência. As pesquisas antropológicas apontam esses indígenas como sendo os mais antigos da Venezuela (Garcia-Castro;

Heinen, 1999, p. 31-56), habitantes da região caribenha do delta do rio Orinoco, cujo nome se originou da língua Warao – *wirinoko*, que significa lugar onde remamos. Esse grupo se dedica à pesca e ao artesanato; as moradias, normalmente, são transitórias, alternando os espaços de morada ao longo do rio, visto que há mais possibilidades de encontrar recursos materiais em outras localidades.

No censo de 2001, o governo venezuelano apontou a existência de 28 mil indígenas que falavam a língua Warao. E, por se tratar de exímios pescadores, essa habilidade nata leva-os a se tornar nômades, cujos deslocamentos estão estreitamente ligados às estações do pescado. Além da atividade pesqueira, os Warao também se ocupam das atividades agrícolas e de subsistência. Embora o contato com o homem branco e a cultura crioula seja uma realidade, os indígenas estimam a preservação da sua cultura e identidade.

Quanto à cultura, os Warao apresentam zelo em relação à preservação, conforme considera Canclini (1998, p. 304), ao assegurar que há uma hibridez cultural nas sociedades latino-americanas. O autor afirma que a expansão urbana é um dos motivos que provocaram a hibridação cultural, pois os centros urbanos e o meio rural se entrelaçam por meio da mídia eletrônica e das culturas, segundo o teórico, e já não se agrupam em grupos fixos ou estáveis. Elas são, segundo o antropólogo, híbridas, movem-se, transformam-se e assumem outros formatos, entram na modernidade e saem dela, assumindo que “as buscas mais radicais sobre o que significa estar entrando e saindo da modernidade são as do que assumem as tensões entre desterritorialização” (Canclini, 1998, p. 309).

Na análise das transformações culturais, Canclini (1998, p. 30) aponta a transnacionalização dos mercados simbólicos e as migrações, os fenômenos de desterritorialização e reterritorialização ligados aos migrantes, consideradas pelo autor como “constitucionalmente híbridas”. A seguir, no caso Warao, será apresentado um breve comentário sobre desterritorialização.

A DESTERRITORIALIZAÇÃO: DA ALDEIA PARA O CONTEXTO URBANO

Segundo a definição do dicionário, desterritorialização é uma quebra de vínculos, uma perda de território, um afastamento dos nossos locais de origem, havendo, assim, uma ausência de controle das territorialidades pessoais ou coletivas, uma privação de acesso a territórios econômicos, simbólicos. A desterritorialização, de acordo com Pagès *et al.* (1993), compreende os mecanismos que separam o território das suas “raízes” sociais e culturais. No caso dos Warao, houve uma ruptura, ou seja, um desligamento do seu território por conta da crise política e econômica que atravessa a Venezuela.

Para Ramos, Botelho e Tarragó (2017, p. 3), os Warao são a segunda maior população indígena da Venezuela, com aproximadamente 49 mil indígenas espalhados em diversas comunidades. O Pará já recebeu, aproximadamente, mil indígenas venezuelanos,

dos quais cerca de 600 estão na capital paraense, e outros 200, em Santarém e Alter do Chão, município da região do Tapajós.

A peregrinação dos Warao, da Venezuela até a chegada ao Norte do Brasil, resulta em uma tentativa de sobrevivência dos indígenas, a maioria mulheres, que partiram do nordeste do país de origem em busca de acolhida no território brasileiro (Barbosa, 2018). Do delta do Amacuro à porta de entrada do território brasileiro, eles percorreram mais de 3,5 mil quilômetros, seja por andanças, seja por transportes. Em solo brasileiro, instalaram-se em Pacaraima, no estado de Roraima; de Roraima para Manaus, eles se deslocaram em viagem de barco pelo rio Amazonas, cujas migrações ocorreram tanto para Santarém quanto para Belém.

Em Belém, aproximadamente 70 indígenas se instalaram no Mercado Ver-o-Peso, mas esse número não reflete a realidade. O governo federal repassou 720 mil reais a fim de manter três abrigos na cidade para esses grupos, somando-se atualmente quatro locais de acolhimento mantidos pelos governos municipal e estadual, segundo as informações divulgadas por Barbosa (2018). De fato, os Warao vivenciam a diáspora, e tal experiência remete ao pensamento de que não há um lugar de pertencimento. Hall (2006, p. 415) afirma: “conheço intimamente os dois lugares, mas não pertenço a nenhum [...] a experiência diaspórica, [ou seja] longe o suficiente para experimentar o sentimento de exílio e perda, perto o suficiente para entender o enigma de uma ‘chegada’ sempre adiada”.

O movimento de saída do país de origem para outro país, em busca de um lugar, de imediato, pode ter como perspectiva uma melhora na condição de vida, que Canclini (2006) reconhece como um contexto de hibridação. É importante esclarecer que a expressão hibridação é resultado de uma interculturação, usada pelo autor em detrimento da miscigenação e mestiçagem,

Porque abrange diversas mesclas interculturais – não apenas raciais, às quais costuma limitar-se o termo “mestiçagem” – e porque permite incluir as formas modernas de hibridação, melhor do que “sincretismo”, fórmula que se refere quase sempre a fusões religiosas ou de movimentos simbólicos tradicionais (Canclini, 2006, p. 19).

O autor esclarece os seus percursos conceituais, justificando-se nas manifestações culturais e artísticas, que sempre foram e continuam sendo marcadas pela cultura urbana. Canclini enfatiza a cidade como o lugar de maior expressão da heterogeneidade cultural, em uma rede real, atualizada e tecida constantemente, imbricada de hibridação.

O sentimento de estranhamento e não pertencimento remonta à década de 1960, quando os Warao experimentaram o êxodo, em razão de intervenções ambientais no seu espaço por pecuaristas crioulos e agricultores. O afastamento do seu local de origem ocorreu devido à busca de recursos materiais, alimentos e assistência médica.

Conforme Garcia-Castro (2000), de cada dez, os centros urbanos acolhem sete indígenas, porém tal fato não os impossibilitou de preservar os aspectos culturais inerentes ao povo Warao, mesmo vivendo em situação de vulnerabilidade, ora em deslocamentos, ora em permanências. De acordo com Barbosa (2018), a etnia Warao prima pela preservação da cultura, da identidade e da própria existência.

Um modo de resistência e existência move esse grupo pela cultura indígena, pois as políticas públicas direcionadas aos povos indígenas se debruçam no imaginário histórico e antropológico sem precedentes. A figura idealizada do indígena que vive com o corpo nu, alimenta-se da caça e pesca, e usa cocar de penas e flecha se perpetuou nos registros dos escritores e cronistas. Tal imagem destoa do pensamento de Stuart Hall (2006, p. 45), que considera a diversidade e a heterogeneidade como parte do processo diaspórico:

A experiência da Diáspora, como aqui a pretendo, não é definida por pureza ou essência, mas pelo reconhecimento de uma diversidade e heterogeneidade necessárias; por uma concepção de “identidade” que vive através, não a despeito, da diferença; por hibridação. Identidades são as que estão constantemente produzindo-se e reproduzindo-se novas, através da transformação e da diferença.

Tais aspectos, como a transformação e a diferença, apontam para uma diversidade e heterogeneidade bem presentes na identidade Warao, que se produzem e se reproduzem nas novas identidades. Hall (1996, p. 68) revela que a identidade “é uma produção que nunca se completa, que está sempre em processo e é sempre constituída interna e não extremamente à representação”. Desse modo, os indígenas constroem as suas identidades, desconstruindo o mito do “bom selvagem” defendido pelo filósofo francês Jean-Jacques Rousseau e assumindo uma identidade em constante transformação.

OS WARAO EM BELÉM

Os Warao têm como língua materna o warao. No entanto, alguns falam e entendem o espanhol, na mesma proporção que entendem o português, isto é, com um grau de fluência precária ou razoável (Botelho; Ramos; Tarragó, 2017). Como dito anteriormente, são mencionados nos escritos antropológicos como exímios pescadores,

construtores de canoas, caçadores e coletores de vegetais – principalmente o moriche, um fruto (buriti) cujo consumo faz parte dos seus hábitos alimentares. Entretanto, o buriti e outros produtos são cultivados e consumidos pelo povo da canoa: o cará, a banana comprida e a mandioca. A carne de animais e a pesca constituem a base alimentar desse povo, porém é da palmeira do buriti que provém o seu sustento. A partir da extração da fibra dessa árvore, os indígenas confeccionam artesanato tanto para o uso doméstico quanto para a comercialização.

Quanto à pirâmide familiar, os Warao, majoritariamente, constituem “unidades endogâmicas, com estrutura social relativamente igualitária, sendo a liderança em cada comunidade exercida pelo mais velho, um Aidamo” (Ramos; Botelho; Tarragó, 2017, p. 13). O modelo de moradia é, normalmente, matriarcal, ou seja, os homens, após as núpcias, permutam para a casa ou comunidade da família da companheira. Desse modo, as Warao assumem uma função essencial na formação familiar, tornando-se, pois, figura basilar na redistribuição de recursos e alimentos. Cabe, portanto, aos homens atuar nos contextos públicos de mediação (Ramos; Botelho; Tarragó, 2017).

Vale ressaltar, contudo, a relevância nos costumes Warao, que se diferenciam em suas práticas culturais e modos de vida dos outros grupos localizados em distintas regiões do delta do Orinoco. Mas, apesar da heterogeneidade de seus hábitos e condutas, é possível garantir que os Warao “se constituem em uma unidade étnica diferenciada, verificável nos planos linguísticos e das relações sociais intra e interétnicas, formando uma unidade sociológica mais ampla” (Ramos; Botelho; Tarragó, 2017, p. 28).

Nesse viés, é possível perceber que o povo da canoa vive uma história de lutas e resistências, marcadas por fluxos migratórios, diásporas e busca por sobrevivência, confirmando, desse modo, uma cultura de resiliência. Outrossim, vale lembrar o conceito de cultura que nos esclarece o antropólogo Canclini (2009, p. 45):

O que é, então, a cultura? Não podemos retornar à velha definição antropológica que a identificava com a totalidade da vida social. Nas teorias sociosemióticas, fala-se de imbricação complexa e intensa entre o cultural e o social. Dito de outra maneira, todas as práticas sociais contêm uma dimensão cultural, mas nestas práticas sociais nem tudo é cultura. Se vamos a um posto de gasolina e abastecemos nosso carro, este ato material, econômico, está repleto de significação, já que vamos com um automóvel de certo design, modelo, cor, e atuamos com certo comportamento gestual. Toda conduta significa algo, participa, de modo distinto, das interações sociais. Qualquer prática social, no trabalho e no consumo, contém uma dimensão significativa que lhe dá seu sentido, que a constitui e constitui nossa interação na sociedade. Então, quando dizemos que

cultura é parte de todas as práticas sociais, mas não é equivalente à totalidade da sociedade, estamos distinguindo cultura e sociedade sem colocar uma barreira que as separe, que as oponha inteiramente. Afirmamos seu entrelaçamento, um vaivém constante entre ambas as dimensões, e só por um artifício metodológico-analítico podemos distinguir o cultural daquilo que não o é.

Para o teórico, a América Latina é definida nesse modo devido às suas raízes culturais indígenas, aos múltiplos e duradouros movimentos de resistência e rebeldia dos povos tradicionais que aqui predominavam (Canclini, 2009). Assim, não se torna distante dizer que os Warao, ao chegarem ao solo brasileiro, especificamente a Belém, não pretendem ser assistidos como diferentes, desiguais e desconectados.

Em Belém, os Warao receberam assistência e acolhimento da prefeitura de Belém e do governo do estado do Pará. O poder público elaborou o projeto político-pedagógico denominado Kuarika Naruki, que envolveu inúmeras instituições, entre as quais: Secretaria Estadual de Educação do Pará (Seduc), Secretaria Municipal de Educação de Belém (Semec), Universidade do Estado do Pará (Uepa), Secretaria de Estado de Assistência Social, Trabalho, Emprego e Renda (Seaster), Jardim Zoobotânico Bosque Rodrigues Alves, Cáritas¹ Brasileira – Regional Norte (CNBB), Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio D. Pedro II e Secretaria Extraordinária de Integração e Políticas Sociais (Seips). Tais instituições se empenharam na elaboração desse projeto educacional, a fim de propor ações educativas e de sustentabilidade destinadas especificamente ao grupo Warao.

Segundo o projeto político-pedagógico Warao (Brasil, 2018), a acolhida a esse grupo ocorreu em 7 de agosto de 2017. Inicialmente, o número de indígenas assistidos somava 14 abrigados na Casa de Passagem ao Migrante Domingos Salim Jacob Zaluth, formado por quatro homens, quatro mulheres e seis crianças que chegaram a Belém. Logo, esses migrantes foram conduzidos à Secretaria de Estado de Justiça e Direitos Humanos do Pará (SEJUDH) e, em seguida, encaminhados ao abrigo, com o objetivo de permanecerem provisoriamente, devido à situação de vulnerabilidade e risco social.

Contudo, houve um aumento do fluxo migratório. Desse modo, as instituições públicas e a sociedade civil, como Seaster, SEJUDH, Secretaria de Saúde do Estado do Pará (Sespa), Defensoria Pública do Estado, Polícia Federal (PF), Fundação Nacional do Índio (Funai), Fundação Papa João XXIII (Funpapa), Secretaria Municipal de Saúde (Sesma), Cruz Vermelha Brasileira, Cáritas Brasil e Unicef, a convite do Ministério Público Federal

¹ Cáritas é uma entidade ligada à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e tem sua atuação no campo da ação social da Igreja Católica.

e da Defensoria Pública do estado e da União, participaram de reunião conciliatória referente aos encaminhamentos de curto e médio prazos para atendimento aos indígenas. Algumas ações imediatas foram realizadas, entre as quais: acolhimento temporário, segurança alimentar e nutricional, emissão de documentação civil, tratamento de saúde, prevenção a eventual prática de tráfico de pessoas e trabalho infantil.

Vale salientar que, antes das providências tomadas pelo poder público, tais migrantes vivenciaram momentos de penúria nas esquinas, no centro comercial e nos semáforos de Belém. Mormente, os semáforos de Belém falam Warao, pois esses migrantes estão por toda parte, conforme Barbosa (2018):

Um dos dilemas entre as autoridades de Belém e os indígenas é que, na cultura Warao, pedir doações é um costume, uma forma de “trabalho”. Mas para a legislação brasileira a mendicância na presença de crianças é delito. Assim, na reunião realizada em outubro, no Mercado de Carne, o debate era, sobretudo, o destino das crianças Warao.

Com presença da Fundação Papa João XXIII (Funpapa), do Conselho Tutelar, do Conselho da Venezuela e da equipe do Consultório na Rua foi decidido que, se as índias Warao fossem encontradas pedindo doações com crianças, as mesmas seriam retiradas das suas mães.

Na porta do local onde a reunião foi realizada um cartaz, elaborado pelo Governo do Estado do Pará, convidava o interlocutor a refletir sobre a violência contra a mulher, mas o mesmo cartaz parecia não abraçar as indígenas. Quando o cônsul da Venezuela questionou como fariam as Warao que amamentavam, já que elas não podem ser apartadas de seus filhos, a resposta veio em forma de silêncio, de feições sem solução.

Silêncio esse que foi quebrado por Adriana Azevedo, presidente da Funpapa. “A nossa lei protege as crianças. Quando o pai e a mãe não cuidam da criança o Estado assume esse papel”, respondeu, durante o debate, e, assim, foi imposto que qualquer criança seria retirada da mãe pelo conselheiro tutelar, caso a mendicância na companhia delas se repetisse.

Se o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) ampara a criança brasileira, o mesmo deve ocorrer com os menores Warao. Todavia, a prática da mendicância não é contravenção entre os Warao, mas um meio de labor e sobrevivência. Essa é uma questão de embates entre as autoridades e os migrantes. A antropóloga Marlise Rosa (2020), em sua tese de doutorado defendida no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), investiga a

etnia Warao e esclarece que não é raro uma criança de 6 ou 7 anos cuidando de outro menor e praticando a mendicância. Para a autora:

A preocupação com o bem-estar das crianças Warao é algo recorrente nos discursos dos mais diferentes agentes governamentais, desde aqueles vinculados às instituições públicas até os representantes da sociedade civil. Demonstrando evidente desconhecimento e até mesmo desinteresse pela concepção indígena de infância, repetidas vezes os Warao são acusados de não zelarem por seus filhos e, inclusive, de explorá-los, submetendo-os à “mendicância” (Rosa, 2020, p. 189).

Diante do exposto, entende-se que a ação da mendicância excede o senso comum e o pedir doações na companhia das crianças ultrapassa a compreensão de que os indígenas migrantes valem-se de incapazes para arrecadação de recursos financeiros. Por conseguinte, o ECA rege que as crianças devem ser protegidas de situação de rua, seja no contexto de exploração, seja na questão do trabalho infantil. Do ponto de vista da lei, o menor, nas culturas brasileira e indígena, é visto sob olhares diferenciados. O teórico Canclini (2009, p. 362, interpolação e grifos nossos) esclarece o seguinte:

O tema central das políticas culturais [...] *[deve ser]* hoje [...] *[o de]* como construir sociedades com projetos democráticos compartilhados por todos sem que se igualem todos, em que a desagregação se eleve à diversidade, e as desigualdades (entre classes, etnias ou grupos) se reduzam a diferenças.

O que Canclini (2009) aponta diz respeito às políticas igualitárias, cujas propostas inclusivas contemplem a diversidade e reduzam as desigualdades e diferenças. A situação de vulnerabilidade da etnia Warao corrobora a criação de um estereótipo acerca dos costumes desse grupo, o qual pratica a mendicância a fim de levantar o próprio sustento. Do contrário, esse modo de pensar anula a questão cultural desses migrantes, que adotam a mendicância como um trabalho e anseiam por outros meios de subsistência.

Ainda sobre a criação de estereótipos, o sociólogo Erving Goffman (1980) afirma que o estereótipo emerge com o estigma social nos processos de construção dos significados por meio da interação. O teórico esclarece que a sociedade institui como o indivíduo deve ser e torna esse dever como algo natural e normal, e, desse modo, o diferente recebe rótulos que podem resultar na marginalização no contexto de uma sociedade.

No caso, os indígenas são pertencentes a um grupo estigmatizado a partir do prejulgamento sobre o seu modo de vida, em detrimento de suas qualidades inerentes.

O estereótipo é um rótulo que marca, sobretudo, um indivíduo pertencente a outro contexto cultural, e tal indivíduo sofre a construção de imagens negativas, errôneas e simplistas que conduzem a crenças preconceituosas, e vale lembrar que alguns estereótipos estão, intrinsecamente, relacionados com nacionalidades, localidades e etnias. No tocante aos indígenas, eles são marcados pelos estereótipos étnicos, pois suas raízes remontam à colonização das Américas, onde os colonizadores se encarregaram de construir no imaginário hegemônico a imagem do “bom selvagem”.

Tal imagem idealizada carrega o estigma de que os primeiros habitantes do continente americano eram aculturados e preguiçosos. Então, quando se desprezam a cultura de um povo e a sua história de resistência, anulam-se os seus conhecimentos de uso de plantas medicinais, de pescaria, de plantação, de construção de canoas e de confecção de artesanatos. A partir da desconstrução do estereótipo de que os Warao não têm disposição para o trabalho, a sociedade civil, especificamente a Cáritas, vem contribuir para a inserção desse povo na cultura brasileira e para a promoção da cidadania.

DA DIÁSPORA AO ENGAJAMENTO DA CÁRITAS

A trajetória dos Warao é marcada por lutas, resistências, desterritorialização e diásporas. Em suas vivências diaspóricas, os migrantes indígenas contam com a assistência de órgãos governamentais e não governamentais, e a sociedade civil assume um papel de extrema importância ao oferecer assistência aos índios venezuelanos. A Cáritas é uma confederação pertencente à sociedade civil que agrega 162 organizações humanitárias da Igreja Católica, cuja atuação assiste, primordialmente, em favor das minorias, dos desfavorecidos e migrantes.

No Brasil, a Cáritas está presente em diferentes cidades e é referência na acolhida e orientação de solicitantes de refúgio, sendo as mais conhecidas no país as unidades de São Paulo e Rio de Janeiro. A Cáritas também faz parte da RedeMi, que congrega dezenas de instituições que oferecem acolhida, orientação, assistência legal, serviços, integração de migrantes e refugiados no Brasil.

Nessa perspectiva missional, a Cáritas promove, em Belém, oficina de economia popular para os indígenas venezuelanos. O objetivo das oficinas é fortalecer a economia solidária já desenvolvida pelos Warao, cuja capacitação tem o intento de valorizar a importância do trabalho em grupo para produção e comercialização de artesanato, bem como da preservação da cultura.

Segundo o *site* da Confederação Nacional dos Bispos do Brasil – Norte (CNBBN), devido à necessidade de ministrar as oficinas em três línguas (português, espanhol e

warao), os facilitadores se revezaram no repasse das instruções e conceitos. Rosane Gomes, José Albarran e Pedrim Perez (warao) foram os assessores da capacitação.

A instituição não se limita a promover apenas oficinas, mas também o engajamento para a arrecadação de donativos ou provisão de abrigos. Tais ações são comuns, segundo Oliveira (2017) na matéria publicada no Portal Amazônia:

Uma campanha coleta doações para indígenas venezuelanos da etnia warao, em Belém. O objetivo é arrecadar itens de higiene pessoal, fraldas, roupas, além de frutas que não sejam cítricas. Desde julho, 51 indígenas warao chegaram à capital paraense e a maioria está desabrigada ou em ambientes totalmente precários. Segundo o Consulado da Venezuela, outros 26 podem chegar nos próximos dias. As doações podem ser entregues em cinco pontos: no Ministério Público Federal, na Fundação Nacional do Índio (Funai), na Fundação Papa 23, na Defensoria Pública da União e na Cáritas Brasileira. Todos no centro da capital.

O referido portal, tempos depois, divulgou a situação calamitosa em que vivem os Warao em Belém, e, mais uma vez, a Cáritas intercede pelos venezuelanos. Jussara (2019) faz o seguinte comentário:

Refugiados venezuelanos sobrevivem em situação precária
Hoje, existem cerca de 400 indígenas da etnia Warao refugiados na
capital paraense

[...] Para a articuladora regional da Cáritas Brasileira, entidade que atua na defesa dos direitos humanos, Joana Lima, os dois abrigos oferecidos aos refugiados pela Prefeitura de Belém são insuficientes. Ela afirma que os indígenas venezuelanos não estão tendo seus direitos a acolhimento, atendimento de saúde e educação e alimentação respeitados na cidade, e ressalta que eles necessitam de locais que sejam pensados para atender as especificidades da cultura, organização e relação social daquele povo. “É necessário destacar que os Warao já estão há dois anos em Belém, e os grupos acabam migrando para outras regiões. É preciso conhecer sua cultura, e respeitá-los”, conclui.

Além do engajamento social, a Cáritas se compromete com a defesa do menor venezuelano. Segundo informes do Tribunal de Justiça do Estado do Pará (2019):

A 1ª Vara de Crimes Contra Crianças e Adolescentes de Belém quer fortalecer, por meio do projeto “Direito Sem Fronteiras”, a rede de proteção de crianças e adolescentes indígenas venezuelanas refugiadas em Belém. A iniciativa se deve à constatação de que crianças pertencentes a famílias indígenas da etnia Warao, da Venezuela, podem estar vulneráveis à violência sexual. Para discutir o assunto, a juíza Mônica Maciel se reuniu, nesta quinta-feira, 28, com o procurador do Município de Belém, Wanderlei Martins, e representantes da Fundação Papa João XXIII (Funpapa), Secretaria Municipal de Educação e Cultura (Semec) e da entidade Cáritas Belém, ligada à Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). A ideia do projeto é agir de forma preventiva, por meio de ações realizadas em parceria com todos os órgãos ligados à causa.

Por conta da vulnerabilidade em que se encontra o menor venezuelano, foi apresentado ao Ministério Público Federal, no ano de 2019, um projeto educacional que garante educação para os indígenas venezuelanos da etnia Warao. As propostas apresentadas contaram com as contribuições da Seips, Seaster e Uepa, e fazem parte ainda a Semec, a Seduc, o Jardim Zoobotânico Bosque Rodrigues Alves e a Cáritas Brasileira – Regional Norte (CNBB).

O grupo de trabalho é coordenado pela Uepa, por meio do Núcleo de Formação Indígena (Nufi), que construiu a proposta com a participação dos indígenas Warao, intitulado “Kuarika Nakuri”, que significa “Vamos em frente” na língua Warao. O projeto considerou a Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho das Nações Unidas (OIT) sobre as populações indígenas (Tribunal de Justiça do Estado do Pará, 2019).

A Convenção 169, da qual o Brasil é signatário, leva em consideração a autonomia dos povos indígenas e reconhece os valores, a diversidade, a cultura, os saberes tradicionais e as práticas das próprias comunidades, para garantir o acesso aos conhecimentos e às tecnologias que viabilizem a interação e a participação cidadã (OAS, 1989). Tal convenção assegura algumas necessidades dos indígenas; portanto, faz-se necessário maior atenção por parte do poder público e da sociedade em geral.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que a migração dos Warao para o Brasil tem como marco central a procura de uma sobrevivência, não mais encontrada na Venezuela. Com eles chegam também sonhos, quereres, uma cultura, uma língua, uma linguagem, diferente da brasileira, mas que vão se transformar em um movimento de hibridação constitutivo do mundo contemporâneo. Os indígenas Warao estão assegurados em direitos legais de trabalho, saúde, educação e proteção dos diversos vieses de violência. Mesmo assim, o

processo de inclusão torna-se desafiador por especificidades pontuais de suas realidades, como: a maioria não é fluente na língua portuguesa, tem baixa escolaridade e apresenta identidades diversas e hábitos de vida diferentes, o que torna ainda mais complexa qualquer ação interventiva para incluí-los com significado no contexto social brasileiro.

A chegada dos venezuelanos a Belém não passou despercebida pelo cidadão comum e tampouco pelo poder público, pois eles transitam em todos os espaços da cidade: nos mercados, nas feiras, nas ruas, nas calçadas e nos semáforos. Aliás, os semáforos falam Warao, pois é marcante a presença desses migrantes e a cidade não permite a invisibilidade. Um povo, marcado por lutas e resistências, tenta sobreviver em suas andanças, porém não só buscando a sobrevivência, mas também o reconhecimento de suas raízes, de sua cultura e existência.

No tocante à mendicância, é prioritária a discussão da sociedade e do poder público sobre a condição do menor Warao nas ruas de Belém, cuja questão emerge urgente, pois traz à tona conflitos culturais. De um lado, o Brasil que avança com o ECA, que os protege da exposição, da exploração sexual e do abandono, e, de outro, os indígenas Warao, que concebem a ação da mendicância como trabalho e sustento.

Os esforços para melhor integrar o povo Warao têm sido assegurados na coletividade por meio da sociedade civil Cáritas, que se empenha em oferecer esses cuidados aos migrantes indígenas. Logo, é de suma importância que o governo brasileiro trate as demandas migratórias na plenitude de sua urgência e suas proporções, e que alguns órgãos públicos desenvolvam estratégias de acolhimento e cuidado, com base em um esforço contínuo para alcançar melhores condições de vida para esses imigrantes.

Identifica-se a necessidade de um maior envolvimento nas diversas vertentes das instituições públicas e privadas, em diálogo com os Warao, para a construção de ações que representem as suas identidades de vida.

As ruas de Belém estão dialogando com novos conhecimentos para pessoas que chegam da Venezuela em busca de melhoria de vida. Elas não vêm sós, carregam uma bagagem cultural e identitária, novos costumes, outras línguas, diversos traços físicos, novas maneiras de ser e agir. Essas identidades, enfatizadas por Canclini (2006), são estabelecidas como culturas híbridas e refletem no contexto da globalização, cujas inter-relações de inúmeras características vão se incorporando a partir de diversas culturas.

O desafio de reconstrução de uma nova realidade do povo Warao terá novas formas, como nos diz Krenak e Carrelli (2020, p. 47): “vamos ter que produzir outros corpos, outros afetos, sonhar outros sonhos para sermos acolhidos por esse mundo e nele podermos habitar”.

Da diáspora imposta, arremessadora de vidas, de sonhos e realidades, de tirar o reconhecimento do cheiro da terra, dos sabores, das cores e dos movimentos, renasce

diariamente a continuidade de outros sonhos e de transformações de vidas, que pulsam e enfrentam os desafios da existência para continuar a escrita da história.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, C. Migrante cidadão: a sobrevivência dos Warao em Belém e Santarém. *Amazônia Real*, 14 mar. 2018. Disponível em: <https://amazoniareal.com.br./migrante-cidadao-sobrevivencia-dos-warao-em-belem-e-santarem/>. Acesso em: 4 dez. 2019.
- BRASIL. Projeto Educacional para Indígenas Warao Belém/PA. 2018. Disponível em: https://www.mpf.mp.br/pa/sala-de-imprensa/documentos/2018/projeto_educacional_para_indigenas_warao_belem-pa_2018.pdf. Acesso em: 4 dez. 2019.
- BRASIL. Oficina aos Warao. 2017. Disponível em: <https://www.mpf.mp.br/atuacao-tematica/ccr6/eventos/2017/oficina-warao/pareceres-1/warao-parecertecnico-ultima-versao67898-2017-compressed.pdf/view>. Acesso em: 2 jan. 2020.
- CANCLINI, N. G. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Tradução Heloísa P. Cintrão e Ana Regina Lessa. 2. ed. São Paulo: Edusp, 1998.
- CANCLINI, N. G. *Estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Edusp, 2006.
- CANCLINI, N. G. *Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade*. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. Cáritas promove oficina de economia popular e solidária com indígenas venezuelanos. CNBB – Norte 2, 27 maio 2019. Disponível em: <http://cnbbn2.com.br/caritas-promove-oficina-de-economia-popular-e-solidaria-com-indigenas-venezuelanos/>. Acesso em: 4 dez. 2019.
- COSTA, V. M. T. *À sombra da floresta: os sujeitos amazônicos entre estereótipo, invisibilidade e colonialidade no telejornalismo da Rede Globo*. 2011. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2011.
- GARCIA-CASTRO, A. Mendicância indígena: Los Warao Urbanos. *Boletín Antropológico*, n. 48, p. 79-90, enero/abr. 2000.
- GARCIA-CASTRO, Á.; HEINEN, D. Planificando el desastre ecológico; impacto del cierre del caño Manamo para las comunidades indígenas y criollas del Delta Occidental (delta del Orinoco, Venezuela). *Antropológica*, n. 91, p. 31-56, 1999.
- GOFFMAN, E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.
- HALL, S. Identidade cultural e diáspora. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, n. 24, p. 68-75, 1996.
- HALL, S. A questão multicultural. In: HALL, S. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- HALL, S. *Identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

- JUSSARA, J. P. Refugiados venezuelanos sobrevivem em situação precária. *O Liberal*, 25 jun. 2019. Disponível em: <https://www.oliberal.com/belem/refugiados-venezuelanos-sobrevivem-em-situa%C3%A7%C3%A3o-prec%C3%A1ria-1.166421>. Acesso em: 5 nov. 2022.
- KRENAK, A.; CARRELLI, R. (org.). *A vida não é útil*. São Paulo: Companhia da Letras, 2020.
- MINAYO, C. de S. et al. (org.). *Pesquisa social: teoria e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- NOGUEIRA, D. R. Reflexão sobre a experiência do acolhimento dos indígenas Warao em migração para o Brasil na cidade de Santarém-PA. In: 31ª RBA - REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 2018, Brasília. *Anais* [...]. Brasília: UnB, 2018. Disponível em: https://www.31rba.abant.org.br/simposio/view?ID_SIMPOSIO=67 Acesso em: 4 dez. 2019.
- OAS. Convenção nº 169 da OIT sobre Povos Indígenas e Tribais. 1989. Disponível em: <https://www.oas.org/dil/port/1989%20Conven%C3%A7%C3%A3o%20sobre%20Povos%20Ind%C3%ADgenas%20e%20Tribais%20Conven%C3%A7%C3%A3o%20OIT%20n%C2%BA%20169.pdf>. Acesso em: 4 dez. 2022.
- OBSERVATÓRIO DAS MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS. *Relatório anual 2020*. Brasília: OBMigra, 2020. Disponível em: https://portaldeimigracao.mj.gov.br/images/dados/relatorio-anual/2020/OBMigra_RELAT%C3%93RIO_ANUAL_2020.pdf. Acesso em: 13 dez. 2024.
- OLIVEIRA, D. Campanha coleta doações em Belém para indígenas Warao. Portal Amazônia, 2017. Disponível em: <https://portalamazonia.com/cidades/campanha-coleta-doacoes-em-belem-para-indigenas-warao/>. Acesso em: 9 nov. 2022.
- PAGÈS, M.; BONETTI, M.; GAULEJAC, V. de; DESCENDRE, D. *O poder das organizações: a dominação das multinacionais sobre os indivíduos*. São Paulo: Atlas, 1993. 234 p.
- RAMOS, L.; BOTELHO, E.; TARRAGÓ, E. Parecer Técnico N°208/2017/SEAP/6ªCCR/PFDC. Brasília: Ministério Público Federal, 2017.
- ROSA, M. *A mobilidade Warao no Brasil e os modos de gestão de uma população em trânsito: reflexões a partir das experiências de Manaus-AM e de Belém-PA*. 2020. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.
- TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DO PARÁ. Projeto protege crianças venezuelanas. Disponível em: <http://www.tjpa.jus.br/PortalExterno/imprensa/noticias/Informes/947970-projeto-garante-direitos-de-criancas-venezuelanas.xhtml>. Acesso em: 4 dez. 2019.
- TRIVIÑOS, A. N. S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.
- VAZ, A. C. A Crise venezuelana como fator de instabilidade regional. *Análise Estratégica*, Brasília, n. 3, p. 1-7, 2017.

Recebido em: janeiro de 2023.

Aprovado em: abril de 2023.